



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

MARIA SILÁ

**PERSPECTIVAS SOBRE A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA:
um olhar sobre as produções acadêmicas da UNILAB**

REDENÇÃO - CE

2022

MARIA SILÁ

**PERSPECTIVAS SOBRE A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA:
um olhar sobre as produções acadêmicas da UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado ao Curso de Enfermagem -
Instituto de Ciências da Saúde - da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como
pré-requisito para obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Dra. Edmara Chaves Costa

Coorientadora: Esp. Sara do Nascimento
Cavalcante

REDENÇÃO - CE

2022

MARIA SILÁ

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silá, Maria.

S576p

Perspectivas sobre a mutilação genital feminina: um olhar sobre as produções acadêmicas da UNILAB / Maria Silá. - Redenção, 2022. 33f: il.

Monografia - Curso de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Edmara Chaves Costa; Coorientadora: Esp. Sara do Nascimento Cavalcante.

1. Circuncisão feminina. 2. Saúde da mulher. 3. Guiné-Bissau.
I. Título

CE/UF/BSP

CDD 610.73

**PERSPECTIVAS SOBRE A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA:
Um olhar sobre as produções acadêmicas da UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Bacharelado em Enfermagem, da UNILAB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Aprovado em 11/02/2022.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Edmara Chaves Costa (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

Esp. Sara do Nascimento Cavalcante (Co-orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

Esp. Flávia Vasconcelos de Araújo Martins (Membro da Banca)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

Francisca Aslana Nárquila Sousa Pereira Lopes (Membro da Banca)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às minhas avós Sali Bangura e Maimuna Camará, *in memoriam*.

AO SOM DE WASSAMBA

(Cantiga de *fendany*)

Menina do lenço preto na cintura
ajoelha-se na areia e uma voz ritual diz:

– Cante, menina!

Ela não canta nem se acalma,
apenas furta curto olhar
para as mãos agressivas
na sua intimidade nua,
que sangra sem parar
até que a alma se espedaça.

– Cante, menina!

Menina do lenço preto na cintura
resguarda a dor dessa mutilação
degusta o rito feio, não canta, só chora.

– Cante, menina!

Ela renega, não canta.

Só mexe as pestanas úmidas,
tem as nádegas trémulas,
de costas sujas, ao chão,
deitam-na à força.

Menina do lenço preto na cintura
sente o pó da folha do algodoeiro,
na sua chaga, e o seu corpo se rende à dor.

Os sussurros delirantes dessa

Menina do lenço preto na cintura
perduram, e os tambores choram,
a fanateca põe a lâmina na algibeira
dança e perjura pela saúde da menina.

O grito pela horrível dor escamba
o mar e o eco de longe acode o pranto,
A mulher vê a chaga, afiança a sanidade
da Menina do lenço preto na cintura

Mas essa sua dor continua...

A Sêma se importa e tira as folhas
verdes do algodoeiro,
amassa-as numa cabaça
e dá-lhe três tragadas à toa.

A iniciada, de costas, deitada ao chão,
com os olhos abertos ao sol
um sol tão bravo na fervura então
obedece à voz de ritual. E, ao som
de wassamba, canta e chora:

*“Sob o árduo sol um vento uivante,
tão velho, leva a nau ao remo manso
entre pedregulhos flutuantes,
no meio da densa floresta do mar
indo ao porto do tempo”.*

Depois disso,

*a Menina do lenço preto na cintura
suspira e descansa.*

(Seco Silá)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde e disposição que me permitiram a realização deste trabalho e por ter abençoado minha decisão de transpor meus limites e ir em busca de meus sonhos na jornada desta vida. Sinto-me muito grata por esse sentimento de realização e me sinto privilegiada e abençoada pelos caminhos percorridos e pelas aventuras futuras.

Aos meus pais, Seco Silá, Ticiania Souza Santos e Saion Queta pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço ao meu pai Seco Silá, herói que sempre me deu apoio e incentivo, principalmente nas horas difíceis, de desânimo e de cansaço, mesmo estando longe geograficamente.

Sequencialmente, agradeço a tia Helen Witson, por todo apoio indescritível.

Obrigada às minhas irmãs, Lúcia Souza Silá e Sali Souza Silá, pelo carinho, apoio moral, sobretudo, por poder contar convosco sempre que necessário. Compartilho este sucesso que pertence a toda família que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo, sempre fizeram entender que o futuro é feito da constante dedicação no presente.

À minha orientadora, Dra. Edmara Chaves Costa, pelo excelente profissionalismo combinado com muita simplicidade, paciência e atenção. Agradeço pela confiança em mim depositada e pela oportunidade concedida para encarar este desafio importante para o meu crescimento na carreira acadêmica.

Agradeço à minha Coorientadora, Esp. Sara do Nascimento Cavalcante, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira pela oportunidade e por um ambiente adequado oferecido para melhor aproveitamento do conhecimento.

O meu agradecimento vai, especialmente, ao meu querido namorado Nelo Francisco da Silva, pelo apoio e carinho. Sem esquecer dos meus amigos, colegas e irmãos Gerson N'Dafá e Quedeco Ié, que sempre me deram coragem de ir em frente. São pessoas com as quais passei por momentos inesquecíveis, a solidariedade deles me fortaleceu, partilhamos conhecimentos e aprendemos mutuamente, apoiaram-me nos momentos desagradáveis e são amigos que valorizo muito.

Obrigada, primos e tias, pela contribuição valiosa.

RESUMO

A Mutilação Genital Feminina (MGF) é uma prática persistente que ainda é realizada em alguns países do mundo, em particular em Guiné-Bissau, onde a prática faz parte do costume de alguns grupos étnicos desde tempos remotos. Mesmo considerada como crime no país, vetada por lei, ainda há uma grande parcela da população que é submetida a esse costume tradicional. A prática é considerada perigosa, uma vez que, ao ser realizada, acarreta grande probabilidade de transmissão de doenças. O presente trabalho tem como objetivo identificar as perspectivas da Mutilação Genital Feminina na vida das mulheres em Guiné-Bissau, perspectivas essas apresentadas a partir de produções acadêmicas da UNILAB. Deste modo, a metodologia empregada neste trabalho é de uma revisão narrativa da literatura desenvolvida por meio dos trabalhos dos autores que perfazem ao todo 16 trabalhos acadêmicos, produzidos entre os anos de 2016 a 2021 e consistem em produções elaboradas para auxiliar na conclusão de cursos de graduação (14) e pós-graduação da mesma universidade (2), sendo em seu aspecto metodológico 7 pesquisas completas e 9 projetos de pesquisa. Quanto às áreas de estudo, em sua maioria, os trabalhos foram elaborados pelo curso de Bacharelado em Humanidades (11), seguidos pelos cursos de Licenciatura em Sociologia e Mestrado Acadêmico em Enfermagem, com dois (2) cada, e graduação em Administração pública (1). Destes estudos, 13 tinham como público-alvo a população da Guiné-Bissau. Resultados após a leitura na íntegra dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) percebeu-se algumas semelhanças de abordagem de conteúdo sobre a MGF, sendo que em sua maioria, os estudos abordavam, ao longo dos textos, discursos associados às justificativas para manutenção da MGF (sejam elas de inúmeras naturezas), as consequências desta prática para a vida da mulher e algumas iniciativas contra a prática da MGF. Também se observa uma grande dificuldade relatada por parte dos autores consultados sobre a realização dos seus trabalhos acadêmicos, tal como a falta de informação disponível. Além de tudo, pessoas submetidas a tal prática ou que conhecem a realidade não gostam de debater sobre o assunto por ser considerada uma ofensa aos costumes dos grupos étnicos que a praticam, dificultando assim a coleta dos dados da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Circuncisão Feminina. Saúde da Mulher. Guiné-Bissau.

ABSTRACT

Female Genital Mutilation (FGM) is a persistent practice that is still carried out in some countries around the world, particularly in Guinea-Bissau, where the practice has been part of the custom of some ethnic groups since ancient times. Even though considered a crime in the country and vetoed by law, there is still a large portion of the population that is subjected to this traditional custom. The practice is considered dangerous, since, when carried out, it entails a high probability of disease transmission. The present work aims to identify the perspectives of Female Genital Mutilation in the lives of women in Guinea-Bissau, perspectives presented from UNILAB academic productions. In this way, the methodology used in this work is a narrative review of the literature developed through the works of the authors that make up a total of 16 academic works, produced between the years 2016 to 2021 and consist of productions designed to assist in the completion of undergraduate courses. (14) and post their graduate from the same university (2), with 7 complete research and 9 research projects in methodological aspect. As for the areas of study, most of the works were prepared by the Bachelor of Humanities course (11), followed by the Licentiate in Sociology and Academic Masters in Nursing, with two (2) each, and graduation in Public Administration (1). Of these studies, 13 had the population of Guinea-Bissau as their target audience. Results after reading the Course Conclusion Papers (TCC) in full, some similarities in the content approach on FGM were noticed, and most of the studies addressed, throughout the texts, discourses associated with the justifications for maintaining the FGM (be they of many types or for many different reasons), the consequences of this practice for women's lives and some initiatives against the practice of FGM. There is also a great difficulty reported by the consulted authors regarding the execution of their academic works, such as the lack of available information. In addition, people subjected to such a practice or who know the reality do not like to debate the subject because it is considered an offense to the customs of the ethnic groups that practice it, thus making it difficult to collect research data.

KEY WORDS: Female Circumcision. Women's Health. Guinea Bissau.

LISTA DE SIGLAS

ANP	Assembleia Nacional Popular
CE	Ceará
MGF	Mutilação Genital Feminina
OMS	Organização Mundial da Saúde
UNILAB	Universidade da integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 PROBLEMA E PRESSUPOSTOS DA PESQUISA.....	12
3 OBJETIVO DO ESTUDO	14
4 METODOLOGIA	15
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A Mutilação Genital Feminina (MGF) ou o corte dos genitais femininos refere-se a um problema de saúde considerado como violação dos direitos das mulheres. É uma prática realizada por alguns povos do mundo e que apresenta níveis de hostilidade imensos (OLEGÁRIO, 2017). A mutilação genital feminina é conhecida como uma prática cultural de determinados grupos étnicos em Guiné-Bissau. Esses grupos étnicos Fula, Mandinga, Sosso, Nalú, Biafada, Saracule etc., consideram-na como uma recomendação social e religiosa; por isso, a referida prática, para alguns povos, é um rito de pertencimento ao grupo social, geralmente, as meninas-crianças ou adolescentes e às vezes, as mulheres adultas são submetidas ao rito em questão. Esses rituais são antigos, datando de mais de seis mil anos.

De acordo com Barstow (1999) apud Olegário (2017), a primeira nota da MGF ocorreu em torno de 450 a.c., pelo historiador grego Heródoto. No entanto, não existe origem explícita sobre a prática, resultando em muitas especulações. Quanto ao seu início, muitos acreditam que esta remonta ao Egito antigo, devido aos exames feitos em múmias daquela época, que indicaram que a MGF era uma prática comum, sobretudo, entre as classes da nobreza. Manteve-se as duas alegações existentes quanto ao motivo da mutilação genital ter se iniciado no Egito. A primeira retrata-se da herança da propriedade e dos títulos de nobreza no qual a MGF teria surgido como uma forma de assegurar a legitimidade das reivindicações ao trono pelo faraó. Conta-se que a segunda estaria relacionada com a preocupação histórica masculina em relação à fidelidade feminina. Atualmente, a prática persiste de modo sistemático em tribos rurais caracterizadas pelos bolsões de pobreza, analfabetismo e baixo status social da mulher.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a MGF como todo o procedimento que envolve a remoção total ou parcial da genitália feminina ou qualquer outra lesão provocada na mesma área por razões não médicas (CAMPOS, 2010). Essa prática envolve a remoção dos grandes e pequenos lábios e do clitóris que apresenta graus distintos de agressividade e na qual a estrutura genética externa é completamente retificada, deixando-se só um pequeno ducto para a saída de urina e sangue menstrual, a Organização Mundial da Saúde a descreve como "um procedimento que fere os órgãos genitais femininos sem justificativa médica".

Segundo os dados da situação da População Mundial, os instrumentos globais de direitos humanos condenam a MGF; mas, mesmo assim, 4,1 milhões de meninas e mulheres corriam o risco de serem submetidas à prática até 2020. Cerca de 200 milhões de meninas e mulheres

vivas sofreram alguma forma de mutilação genital em 31 países – que continuaram sofrendo, não apenas no momento, mas por toda vida. Mesmo com todas as campanhas de sensibilização sobre a luta contra a referida prática há persistências, isto é, existem as pessoas que continuam a praticar em alguns países do mundo como Ásia, Médio Oriente, Norte da África, América Central e do Sul, entre outras comunidades da Europa devido ao aumento das movimentações migratórias (UNFPA, 2020).

A Mutilação genital feminina é uma prática que merece muitos debates no seio dos estudiosos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento científico, nomeadamente sociologia, antropologia, teologia, história e principalmente, ciências da saúde. Essa área de conhecimento, sendo uma das mais relevantes por estar diretamente ligada aos efeitos da mutilação de qualquer parte do corpo humano, provoca mais preocupação, principalmente, nos profissionais de saúde.

Por este motivo, pesquisadores como Palhares; Squinca (2013) e Olegário (2017), sentem-se obrigados a assumir uma responsabilidade de ampliar os estudos e as produções científicas, projetos de mestrado, doutorado e demais trabalhos, que sirvam de documentação a fim de informar, sensibilizar e educar; no intuito de encontrar soluções para combater essa prática, por se tratar de um fenômeno cultural que atinge diretamente a saúde pública.

Vale ressaltar que as sequelas das práticas de Mutilação genital feminina para a saúde da mulher são diversas, geralmente, decorrentes de problemas com a cicatrização, infecções e suas complicações, como por exemplo: lesão extensa do órgão feminino, hemorragias graves e podem levar à morte. Neste caso, admite-se que estes procedimentos resultam em incidência bastante significativa de complicações.

Contudo, esse combate tem se mostrado um desafio, sobretudo, na realidade africana e, principalmente, na Guiné-Bissau. Por esse motivo que o Estado guineense, pela Assembleia Nacional Popular (ANP), decretou uma lei nº14/2011, de “tolerância zero” contra a prática em questão. Mas, mesmo com essa lei, que pune o crime da Mutilação genital feminina com pena de prisão de dois a seis anos, ainda há resistência por parte de algumas pessoas que, por diversos motivos, negam-se a abandoná-la (GUINÉ-BISSAU, 2011).

Apesar de tudo isso, até hoje há indivíduos que encaram a proibição da MGF como desonra à religião e uma ameaça à cultura, motivo que os leva a transformar o referido ritual num ato clandestino, praticado nos lugares que ficam longe do controle das autoridades sanitárias, e das demais lideranças das suas comunidades; por considerar que, qualquer autoridade seja a favor da lei que proíbe a prática.

Em suma, todas as discussões acima citadas esclarecem aquilo que se pretende com o tema do presente trabalho, que é de fato a identificação das perspectivas apresentadas nos trabalhos acadêmicos da UNILAB sobre a Mutilação genital feminina na mulher guineense. A motivação dessa escolha tem a ver com o fato de que Guiné-Bissau apresenta muitos locais que favorecem a clandestinidade do ato, em lugares distantes das grandes cidades, onde a presença das autoridades nem sempre é verificada, e também com o fato de a Guiné-Conacri, o país vizinho ser um país em que boa parte da população é fiel à religião maometana e alega ser necessária a mutilação, por ter sido uma tradição (*Sunna*)¹ da época do Profeta Maomé. E por último, é importante ressaltar que a própria autora deste trabalho pertence a essas regiões que estão na linha da fronteira com a Guiné-Conacri.

Nessa ordem de ideias, vale acrescentar que, o presente estudo serve como uma grande oportunidade de retornar à origem, com o intuito de lançar um olhar de reconhecimento ou redescobrimto do passado, ou seja, para saber exatamente por onde tem passado e quais foram os desafios enfrentados ao longo da sua trajetória, porém, sem ter a mínima noção de perigo da referida prática naquela época, assim para poder interpretar ou avaliar os riscos ou as vulnerabilidades aos quais então fora exposta enquanto criança.

Nesta altura, sabendo que, até hoje, há muitas meninas que estão passando pelos mesmos caminhos, verifica-se esse estudo como algo necessário a fim de dar uma valiosa contribuição, no âmbito da profissão de enfermagem, a partir de todo o conhecimento adquirido durante o curso de graduação, sendo uma maneira de conhecer e de contribuir nessa luta que é o combate à mutilação genital feminina.

¹ Sunna - simboliza a segunda lei mais importante do Islã, como sendo as palavras e os ensinamentos do Profeta. Significa os caminhos trilhados pelo Profeta, ou aquilo que é normalmente conhecido como Tradição do Profeta na religião islâmica.

2 PROBLEMA E PRESSUPOSTOS DA PESQUISA

A mutilação genital feminina é uma prática persistente em alguns países do mundo, em particular em Guiné-Bissau, onde doravante é considerada um crime. Esta referida prática é unanimemente reconhecida como uma grave violação aos direitos da mulher. Além de ser um problema de saúde, é também uma prática dolorosa. É importante que seja reforçada a conscientização de que ela pode trazer graves consequências para a saúde da mulher, tais como problemas psicológicos, infecciosos, principalmente, no caso de contaminação por HIV, doenças que podem prejudicar a qualidade de vida ou até mesmo levar à morte.

É importante sublinhar que o fato de haver ainda muitas pessoas com baixo nível de escolaridade em Guiné-Bissau que leva a esses cidadãos continuarem a cometer a prática e pôr em risco a vida de muitas mulheres e meninas alegando as questões rituais e religiosas; essas pessoas, durante o rito, não apresentam nenhuma condição, realizam cortes dos genitais sem anestesia, nem assepsia e, essa prática é feita com uma faca afiada que pode estar contaminada e, pior ainda, ela é usada em muitas meninas, sem ser esterilizada. Porém, após vários trabalhos de conscientização sobre tais riscos, algumas mulheres (*fanatecas*²), um pouco mais esclarecidas, passaram a adotar novos instrumentos; como por exemplo as lâminas de barbear, usando cada lâmina em uma única pessoa. Isto com o intuito de evitar as possíveis transmissões das infecções, como se a solução fosse viável para manutenção do rito em questão.

Mesmo assim, nada poderá impedir as consequências negativas relacionadas à saúde das mulheres caso esta prática continue a ser realizada. Com isso, o questionamento que se faz é o seguinte: Quais as perspectivas apresentadas nos trabalhos acadêmicos da UNILAB sobre a Mutilação Genital Feminina na Mulher Guineense?

Observa-se, na prática, que em Guiné-Bissau especificamente, a Mutilação Genital Feminina é considerada por muitas pessoas ainda como uma tradição dada pelos mais velhos ou ancestrais aos mais jovens; além disso, alguns acreditam que este procedimento seja uma recomendação religiosa e com a convicção de que está escrito no Alcorão, livro sagrado do Islã. Contudo, há pessoas que negam esse fato, afirmando que essa lei não consta no Alcorão que as mulheres possuem obrigação de serem submetidas à Mutilação Genital, existe ainda a informação de que, para alguns crentes muçulmanos, uma mulher não submetida à mutilação genital não é uma pessoa limpa e plena.

² Fanatecas - são mulheres responsáveis pelos procedimentos para excisar.

Acima de tudo é necessário analisar a questão da MGF da forma mais ampliada possível e, independentemente do ponto de vista no qual se tente defender a questão, a realidade experiênciada é que a mutilação genital feminina pode representar uma ameaça à integridade física da mulher, além de promover danos tanto a nível físico como psicológico e que poderão ser irreversíveis.

Além de tudo, vale ressaltar, mesmo com as determinações legais para conter esse tipo de ritual, há sempre quem apresente resistência na colaboração em abandonar essa prática; por esse motivo, existem indivíduos que vão arranjar alguma forma de escapar do controle das autoridades para realizar a prática. Neste caso, as vítimas são, em sua maioria, crianças que não têm poder de negar nem de denunciar as praticantes (*fanatecas*) e, portanto, o ato torna-se um segredo. Até recentemente, nota-se que ainda existem pessoas que encaram essa proibição como invasão à cultura *de outrem*, ou até mesmo uma atitude de humilhação às sociedades que têm a prática como tradição de honra.

Portanto, essas ideias entram em conflito com os defensores da abolição dessa prática em defesa da saúde da mulher e dos seus direitos; mas, o que ameniza essas contradições é o fato de uma boa parte de ativistas que condenam esse ritual serem das próprias etnias ou religiões que a praticam. Além disso, muitos padres maometanos (*imamos*³), aderiram à luta contra a tradição de Mutilação Genital Feminina. Dessa forma, a contribuição desses religiosos islâmicos é extremamente importante, por eles serem peças fundamentais para convencimento das praticantes de não continuarem com a prática em questão.

Esse tema, por ser uma temática que ainda é praticada por alguns grupos étnicos que seguem a religião muçulmana, passa a ser um tabu para algumas pessoas e isso cria alguns obstáculos para encontrar algumas referências que discutem acerca do exposto. Devido a essa escassez de encontrar materiais bibliográficos, o desenvolvimento do presente trabalho consiste em uma imersão desafiadora no debate sobre o assunto em questão.

³ Imamos - padres maometanos

3 OBJETIVO DO ESTUDO

Identificar o conhecimento produzido na perspectiva da Mutilação Genital Feminina apresentada a partir de produções acadêmicas da UNILAB.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura desenvolvida por meio de produções acadêmicas disponíveis no acervo do Sistema de bibliotecas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira que versam sobre a Mutilação Genital Feminina.

Uma revisão narrativa normalmente é um tipo de estudo utilizado para entender melhor sobre uma temática de estudo, onde se pode buscar conteúdos em diversas fontes de informação, como artigos, trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses, livros entre outros, para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações e as estratégias de busca não necessitam ser tão sistematizadas (CORDEIRO, 2007).

A partir da definição do objetivo de estudo desta temática, optou-se por a técnica de coleta de dados baseada na disponibilidade de produções científicas sobre a Mutilação Genital Feminina no âmbito da UNILAB e que fossem de fácil acesso para leitura na íntegra do conteúdo e fichamento dos dados relevantes para a pesquisa, que foram agrupados inicialmente em uma planilha eletrônica do pacote *Microsoft Office Excel 2013*.

Os critérios de inclusão deste estudo foram: trabalhos acadêmicos produzidos por discentes da UNILAB em formato de artigos, trabalho de conclusão de curso ou dissertação, disponíveis na íntegra que tratassem direta ou indiretamente sobre a MGF, sem recorte temporal em vista da escassez de estudos nesta temática. Em relação aos critérios de exclusão foram destacados arquivos no formato de editorial, carta ao leitor e pesquisas realizadas por outras instituições de ensino superior ou aqueles cujas produções não atendam aos objetivos da pesquisa.

A coleta de dados ocorreu no mês de novembro de 2021, sendo encontradas 16 produções científicas, 7 arquivos de pesquisa e 9 projetos de pesquisa, no Sistema de Bibliotecas da UNILAB - Após a leitura dos títulos e resumos, todos foram considerados aptos para leitura na íntegra e análise dos dados. Com os dados encontrados foram extraídas as principais informações (título, autor, ano de publicação, curso, público-alvo, local do estudo, objetivo, método, resultados e conclusão), sendo os principais achados interpretados e discutidos a seguir.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os costumes culturais em alguns países africanos são práticas fielmente respeitadas, até mesmo quando causam dor e sofrimento, como a Mutilação genital feminina. Em Guiné-Bissau, essas práticas antigas estão presentes em quase todas as regiões do país. Por ser um país multicultural, composto por diferentes grupos étnicos com práticas tradicionais incomuns, seu combate se torna difícil para as entidades governamentais. Hoje muitos trabalhos acadêmicos abordam esse assunto para chamar atenção da opinião pública, da comunidade científica e da população em geral. A seguir, são apresentados os trabalhos científicos realizados no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB que direta ou indiretamente abordaram o tema da Mutilação Genital Feminina – MGF.

Os trabalhos estudados em sua totalidade (16) consistem em produções elaboradas para auxiliar na conclusão de cursos de graduação (14) e pós-graduação da UNILAB (2), sendo em seu aspecto metodológico 7 pesquisas completas e 9 projetos de pesquisa. Quanto às áreas de estudo, em sua maioria os trabalhos foram elaborados pelo curso de Bacharelado em Humanidades (11), seguido pelos cursos de Licenciatura em Sociologia e Mestrado Acadêmico em Enfermagem com dois trabalhos cada, e graduação em Administração Pública (1). Destes estudos, 13 tinham como público-alvo a população de Guiné-Bissau.

Vale salientar, que a construção de projetos de pesquisa possibilita o pensamento crítico através da elaboração de suas hipóteses, despertando assim o interesse do leitor para constatar a aplicação das teorias propostas na pré-pesquisa, e com isso, vemos que muitos destes trabalhos aqui estudados podem/poderiam trazer grandes resultados para a compreensão, discussão e propostas de intervenções para a realidade aqui problematizada: MGF.

Quadro 1 - Descrição da produção científica em torno da temática da Mutilação Genital Feminina - MGF em Guiné-Bissau - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNLAB, 2022.

TÍTULO	AUTOR (ANO) E CURSO	PÚBLICO-ALVO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAL (IS) RESULTADO (S)	CONCLUSÃO (DESFECHO)
A Mutilação genital feminina-MGF na Guiné-Bissau como uma prática que viola os direitos humanos	FERNANDES (2016) Bacharelado em Humanidades	Mulheres e meninas submetidas a mutilação feminina na Guiné-Bissau	Analisar sobre MGF como uma prática que viola as leis dos direitos humanos das mulheres de Guiné-Bissau	Pesquisa bibliográfica e qualitativa	O trabalho desenvolvido com os públicos femininos guineenses demonstra carência no aprofundamento sobre MGF na Guiné-Bissau, a falta de informação e os riscos são desconhecidas por grande número da população	MGF é uma prática que viola as leis dos direitos humanos das mulheres de Guiné-Bissau. Também o trabalho tem como propósito provocar debate sobre MGF em todos níveis da sociedade guineense
A excisão feminina na etnia mandinga da Guiné-Bissau: tradição étnica ou obrigação da religião muçulmana?	DANFA (2017) Bacharelado em Humanidades	Mulheres da etnia Mandinga submetidas a MGF em Guiné-Bissau	Verificar se a prática da MGF é uma obrigação da religião islâmica ou uma prática relacionada aos costumes tradicionais de certas etnias	Projeto de pesquisa	-	-
O papel dos ensinamentos adquiridos nos ritos de iniciação feminina: um estudo de caso sobre a iniciação feminina (emwali) entre os Macuas, em	WASSE (2017) Bacharelado em Humanidades	População de Macua, Nampula, Moçambique	Demonstrar a importância do ensinamento via ritos de iniciação feminina perante a comunidade Moçambicana em geral, em especial, entre	Projeto de pesquisa	-	-

TÍTULO	AUTOR (ANO) E CURSO	PÚBLICO-ALVO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAL (IS) RESULTADO (S)	CONCLUSÃO (DESEFECHO)
Nampula, norte de Moçambique?			os Macuas de Nampula			
Rito de iniciação feminina: a percepção das estudantes guineenses da UNILAB, sobre o fanado em especial das etnias, Fula, Mandinga, Susu	DJALO (2017) Bacharelado em Humanidades	Estudantes universitárias guineenses da UNILAB	Analisar as implicações do rito de iniciação (fanado) na saúde sexual e reprodutiva entre as meninas guineenses, estudantes na UNILAB	Pesquisa do tipo mista	A análise das entrevistas aponta vários significados, todas ligados às questões relacionadas com a estrutura da comunidade guineense. Há um sentimento do carácter sagrado do ritual, mas, também, situações em que o ritual gera constrangimentos e riscos à vida, à saúde, dentre outras situações geradores de dor e sofrimento frequente de mulheres em suas vidas, prejudicando seus corpos e mentes	Apesar da visão positiva do fanado, do ponto de vista cultural, no entanto, o ritual tem-se diminuído sistematicamente a partir de ações de sensibilização de algumas ONGs, que lutam contra a prática. Essa tendência vem crescendo a partir da criação de uma lei que penaliza qualquer ato de gênero que pode colocar em causa à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e meninas guineenses
Fánado de Mindjeris ou Mutilação genital feminina na Guiné-Bissau: um olhar das mulheres na sociedade atual	MONTEIRO (2018) Bacharelado em Humanidades	Mulheres e meninas submetidas a mutilação feminina em Guiné-Bissau	Identificar os discursos das mulheres guineenses a favor, ou contra a prática da mutilação genital feminina	Projeto de pesquisa	-	-
Papel das mulheres no enfrentamento à violência doméstica na Guiné-Bissau	VAZ (2018) Bacharelado em Humanidades	Mulheres guineenses	Compreender o papel das mulheres no enfrentamento à violência doméstica da Guiné-Bissau	Projeto de pesquisa	-	-

TÍTULO	AUTOR (ANO) E CURSO	PÚBLICO-ALVO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAL (IS) RESULTADO (S)	CONCLUSÃO (DESFECHO)
Casamento precoce na Guiné-Bissau: o caso da etnia Fula na cidade de Gabu	CÁ (2018) Bacharelado em Humanidades	Meninas submetidas a casamentos precoce em Guiné-Bissau	Analisar de que modo o casamento precoce interfere na vida das adolescentes Fula na cidade de Gabu	Projeto de pesquisa	-	-
Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: análise das discrepâncias entre o tradicional e o moderno	MALÚ (2018) Bacharelado em Humanidades	Sociedade guineense ligados fortemente com costumes tradicionais e não ligados	Analisar as discrepâncias entre os valores tradicionais e modernos na sociedade guineense	Projeto de pesquisa	-	-
A prática da Mutilação genital feminina na Guiné-Bissau: o caso da etnia Mandinga de Farim (Oio	CASSAMÁ (2018) Bacharelado em Humanidades	Mulheres da etnia mandinga submetidas a MGF na Guiné-Bissau	Compreender a prática da mutilação genital feminina da etnia Mandinga de Farim em Guiné Bissau	Projeto de pesquisa	-	-

TÍTULO	AUTOR (ANO) E CURSO	PÚBLICO-ALVO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAL (IS) RESULTADO (S)	CONCLUSÃO (DESEFECHO)
O debate em torno da universalidade dos direitos humanos e a tradição do Corte genital feminina na Guiné-Bissau	INDAFÁ (2018) Bacharelado em Humanidades	Mulheres e meninas submetidas a MGF	Analisar e apresentar um debate entre a visão dos direitos humanos em relação a prática da MGF e a mesma prática como um ato cultural para algumas etnias na Guiné-Bissau	Projeto de pesquisa	-	-
Validação de conteúdo de Protocolo assistencial de Enfermagem para Atenção primária à saúde da pessoa com Mutilação genital feminina	PEREIRA (2019) Mestrado em Enfermagem	Enfermeiros atuantes na Atenção primária à Saúde	Validar o conteúdo do protocolo de cuidado de Enfermagem na Atenção Primária à Saúde da pessoa com MGF	Pesquisa metodológica	Na análise da concordância foi obtido o IVC global de 0,98, considerado excelente, o valor $p=0,148$, reafirma a concordância, aleatória global, o nível de significância de 0,05	O conteúdo do protocolo de cuidados de enfermagem na atenção primária para pessoas com mutilação feminina, mostrou-se válido para subsidiar o conhecimento acadêmico e auxiliar na validação clínica de um protocolo da enfermagem na MFG

TÍTULO	AUTOR (ANO) E CURSO	PÚBLICO-ALVO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAL (IS) RESULTADO (S)	CONCLUSÃO (DESEFECHO)
A prática da Mutilação genital feminina na Guiné-Bissau: tradição cultural ou violação dos direitos humanos?	FERREIRA (2019) Bacharelado em Humanidades	Líderes religiosos, lideranças comunitárias e mulheres submetidas à MGF em Guiné-Bissau	Compreender até que ponto a mutilação genital feminina considerada prática cultural é tema da violação dos direitos humanos na Guiné-Bissau	Projeto de pesquisa	-	-
Aprendizagem sobre Saúde sexual e reprodutiva e uso do preservativo masculino com universitárias guineenses	FEITOSA (2020) Mestrado em Enfermagem	Estudantes universitárias guineenses	Avaliar a aprendizagem de universitárias guineenses sobre saúde sexual e reprodutiva e uso do preservativo masculino após utilização de um vídeo educativo	Pesquisa quantitativa do tipo quase-experimental	O vídeo proporcionou melhora da aprendizagem das estudantes em relação a formas preventivas e comportamentos de risco em relação ao uso do preservativo. O nível de conhecimento em relação ao pré e pós-teste apresentou diferença, sendo que após a intervenção o número de acertos aumentou de maneira significativa	A estratégia educativa em saúde foi demonstrada como importante e relevante para ampliação do conhecimento em saúde, sendo o vídeo estratégia eficaz para ser usado com estudantes universitárias, particularmente as de Guiné Bissau
O debate sobre a condição da mulher na África Subsaariana: alguns aportes teóricos	CAOMIQUE (2020) Licenciatura em Sociologia	Mulher Africana	Compreender como sucede o processo de criação e validação de verdades nas sociedades específicas e as relações de poder que permeiam a sua	Pesquisa Qualitativa e bibliográfica	Na primeira seção, discute-se sobre o colonialismo, a categorização dicotômica hierarquizante e suas implicações nas relações de gênero nas sociedades colonizadas. Na segunda, aborda-se	A hierarquização discursiva e a legitimação seletiva das teorias afastam, cada vez mais, os intelectuais africanos do centro da difusão de ideias e discursos sobre o

TÍTULO	AUTOR (ANO) E CURSO	PÚBLICO-ALVO	OBJETIVO	MÉTODO	PRINCIPAL (IS) RESULTADO (S)	CONCLUSÃO (DESEFECHO)
			efetivação		as divergências de opiniões em torno da condição da mulher na África Subsaariana. Na terceira, analisa-se a colonização epistêmica e a emergência de propostas epistemológicas contra hegemônicas	desenvolvimento
Cultura e proteção de direitos humanos em África: o caso da Guiné-Bissau	TÉ (2021) Administração Pública	Sociedade guineenses sem liberdade de expressão.	Verificar a relação entre a manifestação cultural e a proteção de direitos humanos na Sociedade contemporânea africana	Pesquisa qualitativa com análise histórico-descritiva	Ao longo da história, a garantia de Direitos Humanos no continente africano passou por várias transformações, possibilitando um casamento entre as duas visões – africana e ocidental – da proteção de direitos humanos	Conclui-se que embora Guiné-Bissau compactue com vários acordos regionais e internacionais, continua sendo um Estado violador de direitos humanos
Direitos humanos na Guiné-Bissau: uma análise sobre a Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH, 2006-2021)	GOMES (2021) Licenciatura em Sociologia	Sociedade guineenses sem liberdade de expressão.	Compreender os desafios dos direitos humanos na Guiné-Bissau através da atuação da Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH), 2006-2021	Pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica e de campo	O trabalho está dividido em três capítulos: 1º - aborda os desafios dos direitos humanos na sociedade Guineense; 2º-, considera a história da Liga Guineense e sua relação com atores políticos internacionais e nacionais; 3º - conceito de Direitos Humanos nos relatórios da LGDH, com uma análise documental, e o seu desenvolvimento ao longo do tempo	A Guiné-Bissau começou a abraçar a causa dos direitos humanos, no entanto, se percebe que até o presente, o país deparou com vários problemas e por conta disso não conseguiu ter um avanço significativo desejado por parte da população e nem sequer atendeu as demandas dos direitos fundamentais

Fonte: Elaboração própria (2022).

Durante a leitura dos trabalhos aqui pesquisados, verifica-se o emprego de várias terminologias sinônimas para referir-se a Mutilação Genital Feminina, termo utilizado internacionalmente e que para alguns autores é um termo ofensivo em relação a tradição africana. Os termos utilizados são: circuncisão feminina, Corte genital feminino, Excisão feminina, Fanado/Fanadu, Fánado de mulher e *Fanadu di mindjer /fánado de mindjeris/fanadu di mindjeris*, esses últimos referem-se a língua crioula e são utilizados na região de Guiné-Bissau.

Após a leitura na íntegra dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) percebeu-se algumas semelhanças de abordagem de conteúdo sobre a MGF, onde em sua maioria, os estudos abordavam ao longo do texto discursos associados as justificativas para manutenção da MGF (sejam elas de inúmeras naturezas), as consequências dessa prática para a vida da mulher e algumas iniciativas contra a prática da MGF. O quadro 2 resume os principais pontos abordados nestas categorias:

Quadro 2 - Descrição das temáticas mais recorrentes na leitura dos TCCs relacionados a MGF - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, 2022.

Categorias de assuntos mais abordados sobre a MGF nas produções		
Justificativas	Consequências	Atuações contra a prática
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Prática tradicional/étnica/cultural: <ul style="list-style-type: none"> · Correntes apontam sua origem no antigo Egito · Pode ocorrer na infância · Geralmente ocorre após a menarca · Rito de passagem: iniciação à vida adulta · Preparo para o casamento · Inibição de instintos sexuais · Conservação da virgindade · Auxílio no momento do 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Danos à saúde física <ul style="list-style-type: none"> -Hemorragias e choque -Febre e Infecções -Edema no tecido genital -Ferimentos mal cicatrizados e/ou queloides -Dor para urinar e/ou Infecções urinárias -Dificuldade para urinar e menstruar -Dor crônica ❖ Danos psíquicos 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Criação de legislação específica em Guiné Bissau contra a prática da MGF ❖ Atuação de organizações internacionais e ONGs na luta contra a MGF

<p>parto</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Prática religiosa · . Em sua maioria associada a religião muçulmana · . Ocorre também em mulheres de outras religiões · Prática de higiene para purificar a mulher ❖ Medo de segregação para as mulheres que não praticam a MGF · Dificuldade de encontrar marido para casar · . Não podem preparar as refeições do marido · . Não podem participar de algumas celebrações · . Consideradas impuras 	<ul style="list-style-type: none"> -Ansiedade -Depressão -Baixa autoestima -Medo ❖ Problemas sexuais -Infecções sexualmente transmissíveis -HIV/AIDS -Dor durante as relações sexuais (dispaurenia) -Alterações de libido -Dificuldade em sentir prazer ❖ Riscos para a gestação/parto - Abortamento - Dificuldade no trabalho de parto>prolongamento do período expulsivo> sofrimento fetal> morte fetal - Lacerações de tecidos e fístulas -Aumento de cesarianas ❖ Violação de direitos humanos/das mulheres · Mulheres submissas aos maridos · Casamento precoce · . Menos oportunidade de conclusão dos estudos e de trabalho · Dependência financeira dos maridos ❖ Morte 	
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

A Mutilação Genital Feminina conhecida como o *fanado de mindjeris* na Guiné-Bissau é uma prática muito remota e é vista até pouco tempo na sociedade guineense, como um ritual de passagem para fase adulta das meninas. Processo esse em que as meninas veem cortar uma parte do seu clitóris por questões de higiene, e que esse ato é praticado por certos grupos étnicos da Guiné-Bissau, que são: *beafada*, *saracolé*, *djacanca*, sendo mais recorrente nas etnias *fula* e *mandiga* (MONTEIRO, 2018).

Além disso, as pesquisas desenvolvidas neste campo chegaram à conclusão que a MGF ou fanado feminino nas etnias que às praticam na Guiné-Bissau é uma prática que não se limita apenas ao ato de corte de órgão genital feminino, mas envolve a formação e todo aparato preparativo para a vida adulta. Para o autor Danfa (2017), na sociedade guineense o ritual da excisão feminina causa algumas discussões no seio dos fiéis da religião muçulmanas, para uns a prática é um sacrifício obrigatório para as mulheres, e para os outros é uma herança cultural que vem sendo praticada de geração em geração sem nenhuma ligação originária com a religião.

Durante sua pesquisa, Monteiro (2018) elaborou algumas questões que foram aplicadas em regiões nas quais a prática ainda ocorre com grande frequência e constatou o aumento da prática com expansão para outras regiões devido a imigração dos povos praticantes, levando com eles suas tradições. Além disso, demonstrou o quanto que a MGF é violenta e, mesmo assim, encontra-se no cotidiano de alguns povos africanos, por ser considerada uma tradição que deve alcançar todas as mulheres.

No estudo de Fernandes (2016), a MGF é vista como “*uma prática nefasta, considerada em Guiné-Bissau como uma tradição cultural que veio a ser herdada pelas gerações vindouras*”, proporcionando à pessoa que passou por esse processo, traumas psicológicos crônicos. O autor fez um debate interdisciplinar por meio de investigação escrita e oral para debater sobre MGF; demonstrando seus significados para a saúde do corpo da mulher assemelhando-se a temática dessa pesquisa.

A mutilação genital feminina é um ritual praticado em mais de 30 países africanos e alguns grupos na Ásia e no Oriente Médio. Devido à imigração, essa prática também é encontrada em países como Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Austrália, mesmo havendo restrições legais. Ao violar os direitos humanos de integridade pessoal e emocional, esse ritual deixa meninas e mulheres traumatizadas ainda na infância, expondo-as a uma série de complicações que vão desde riscos à saúde até o abandono escolar (GOMES; TÉ, 2021).

Segundo Indafá (2018), a prática da MGF purifica e dignifica a mulher. As mulheres que não foram submetidas à prática são vistas como impuras e sujas na comunidade, com isso, elas não se casam com um homem muçulmano ou praticante de religião. O mesmo autor ainda afirma que no horizonte dos direitos humanos a MGF é vista como um ato de violação, porque é uma prática que mexe com a integridade física das mulheres, meninas e crianças no ato de cortes ou retirada do órgão genital feminino, mesmo sendo prática cultural ou dever religioso.

Diante desse contexto, os profissionais de enfermagem dentro dos serviços de saúde, precisam oferecer um cuidado cada vez mais humanizado para as mulheres/crianças vítimas da MGF, visto todo o constrangimento ou inibição que estas demonstram por levar no corpo marcas que as lembram da violência sofrida e que ainda trazem sofrimento, seja físico ou psíquico.

Em relação aos cuidados diretos de enfermagem, estes vão desde a acolhida da vítima aos cuidados imediatos como anamnese e exame físico, verificação dos sinais vitais, preparo e manipulação de medicações (analgésicos, antimicrobianos, e etc.), higienização e cuidados com as lesões e suas coberturas, controle de hemorragias, aplicação de protocolos clínicos a fim de verificar riscos de infecções e outros agravantes à saúde da mulher. Com isso, inserindo-se em todo o processo de cuidar da mulher (exames preventivos, gestação, parto, puerpério, climatério), com uma visão holística para toda a vivência a partir daquele momento, buscando inserção numa rede de cuidados, oferecendo grupos de apoio ou atuação multiprofissional quando disponível (PEREIRA, 2019).

É preciso refletir a respeito das práticas culturais, e identificar os elementos que devem ser melhorados ou incorporados nas relações sociais (CAOMIQUE, 2020). Não podemos ficar indiferentes perante os efeitos colaterais da extensão tática e anatômica da MGF, pois se não for rigorosamente pensada, facilitará a propagação de certas doenças. As consequências para a saúde da mulher continuam ao longo de toda a sua vida e frequentemente o trauma pode repetir-se no período do parto, muitas das vezes as mulheres morrem por causa da falta do tratamento adequado, como acontece em Guiné-Bissau devido à carência no atendimento público de saúde.

Hoje, o continente africano incorpora mais costumes ocidentais, isso graças à possibilidade de adquirir conhecimentos em diferentes países europeus e do mundo, também herança europeia deixados pelos colonizadores, causando contradição entre crenças tradicionais e modernização (MALÚ, 2018). Na Guiné-Bissau todas as camadas juvenis e sociedade civil

estão empenhadas em reduzir a frequência das práticas consideradas prejudiciais para saúde humana e dignidade das pessoas submetidas.

A Lei 14/2011, promulgada em 5 de junho de 2011, foi um marco importantíssimo na virada de página no contexto guineense por proibir a prática. Mas mesmo com a implementação desta lei, a prática continua sendo realizada por certas pessoas nas zonas rurais, onde ainda é considerada tradição necessária (MONTEIRO, 2018).

Mesmo assim, a MGF é uma prática que continua a construir sérios desafios para o Estado Guineense e para sociedade em geral quanto ao seu combate. Além disso torna-se cada vez mais o centro de debates voltados aos direitos humanos. Nessa mesma ordem, incentiva o abandono desta prática via educação, pois é a chave para romper com os pensamentos enraizados que justificam certas práticas bárbaras contra indivíduos. Ainda aborda consequências físicas e psicológicas da MGF para a saúde das mulheres (CASSAMÁ, 2018).

Com isso, Fernandes (2016) sugere contemplar o dever do governo em criar uma forma de aumentar a conscientização pública. Um debate sério e público em todos órgãos de comunicação para que a população tenha oportunidade de opinar, pois muitas vezes é considerado assunto sensível, pelo fato de grande número da população não ter consciência sobre os danos que a mutilação pode causar na saúde das mulheres. Os pais desempenham um papel muito importante nessa luta junto à sociedade.

Diante de todo levantamento de conteúdos sobre a MGF, foram listados no quadro 3 os organismos e documentos que versam sobre a proteção dos direitos das mulheres e das crianças na luta contra essa prática.

Quadro 3 - Lista de comitês e organizações apontadas nos estudos que lutam contra a MGF e documentos contra práticas de violência à Mulher - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, 2022.

Comitês e organizações nacionais e internacionais e documentos apontados nos estudos que lutam contra práticas de violência à Mulher
<ul style="list-style-type: none"> ● Associação para o planejamento da família ● Comitê Inter-Africano para as Práticas Tradicionais que prejudicam a Saúde das Mulheres e Crianças ● Comitê Nacional para o Abandono de Práticas Tradicionais Nefastas à Saúde da Mulher e da Criança ● Conselho Internacional de Justiça ● Tribunal penal Internacional

- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)
- Fundo de população das Nações Unidas (UNFPA)
- Instituto da Mulher e da Criança
- Liga Guineense dos Direitos Humanos
- ONG Sinin Mira Nassiquê (SMN)
- Organização das Nações Unidas (ONU)
- Organização Mundial da Saúde
- Projeto *Djinopi*.

Documentos

- Carta Africana dos Direitos Humanos e dos povos sobre os direitos das mulheres (Comissão da União Africana)
- Declaração sobre Eliminação da Violência contra as Mulheres, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua Resolução 48/104, de 20 de dezembro de 1993
- Declaração Universal dos Direitos do Homem
- Declaração universal dos direitos humanos
- Lei n 14/2011 – Proibição da prática da MGF
- Relatório sobre a situação dos direitos humanos na Guiné-Bissau (2010-2012)

Fonte: Elaboração própria (2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo os trabalhos que compõem este estudo, foi possível perceber que a Mutilação Genital Feminina viola uma série de direitos, a saber, direito à saúde, à reprodução, à liberdade, à vida e à autonomia do próprio o corpo. Além das graves consequências para a vida das mulheres, essa prática atinge um número significativo das meninas e mulheres em toda parte do mundo, pois é uma questão que afeta praticamente as mulheres e somente elas são submetidas à prática por razões culturais e religiosas, mas sempre com o fim de controlar o corpo e a sexualidade feminina. A Mutilação Genital Feminina ou *Fanadu di Mindjer* provoca danos irreversíveis ao longo de toda a vida em termos físicos e psicológicos, o que muitas vezes causa elevado índice de mortalidade dessas mulheres vítimas da MGF.

Diante do exposto, é de suma importância que a sociedade civil e todas as mulheres camadas sociais entre faixa etária de 12 a 50 anos (Jovens, adultos) articulem-se abertamente sobre o assunto para melhor esclarecimento sobre os riscos impostos às mulheres que são submetidas à MGF. Também as punições devem ser rígidas para pessoas responsáveis pelas ocorrências em todo território nacional, a fim de diminuir a frequência da prática no país, visto que este mal acontece com uma grande parcela das mulheres e, sendo assim, deve-se pensar a respeito das vivências das mesmas e analisar profundamente os fatores biológicos das vítimas durante o parto e especialmente no período pós-parto.

É preciso proporcionar mais redes de apoio social e de sustentação às mudanças. É importante tarefa a de promover as ações de prevenção das situações de perigo, como programas de informação ou educação para mudanças de comportamentos, em escolas locais, junto das próprias comunidades. Embora na Guiné-Bissau tenham ocorrido alguns avanços que são fundamentais para a conscientização da população (o Estado criminalizou a MGF em 2011), é muito importante que as comissões alargadas estabeleçam pontes entre os demais poderes locais e que envolvam mais líderes religiosos e elementos de referência das próprias comunidades, cujo trabalho é indispensável para sensibilizar os seus pares para conseguir eliminar esta prática de uma vez por toda na sociedade guineense.

Por fim, pessoas submetidas a tal prática ou que conhecem a realidade não gostam de debater sobre o assunto por ser considerada uma ofensa aos costumes dos grupos étnicos que a praticam, dificultando assim a coleta dos dados da pesquisa.

Em suma, vale reconhecer que a enfermagem tem um papel de grande importância no enfrentamento da MGF, ao proporcionar apoio e cuidados às mulheres vítimas de sequelas da referida prática. Essencialmente durante o parto, o seu trabalho deve se iniciar no período pré-

natal, ajudando na verificação dos fatores de risco e nos cuidados, com inclusão das famílias - para ajudar as mulheres em casa, além do aconselhamento para procura do tratamento ideal, de acordo com cada necessidade individual.

Além de tudo, pessoas submetidas a tal prática ou que conhecem a realidade não gostam de debater sobre o assunto por ser considerada uma ofensa aos costumes dos grupos étnicos que a praticam, dificultando assim a coleta dos dados da pesquisa

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília. 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 19 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, 24 de fevereiro de 2021. Brasília. 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CAMPOS, Ana Correia. **Mutilação genital feminina** – a importância de reconhecer e de saber como agir. Acta Obstet Ginecol Port 2010. pg. 152-156. Disponível em: <<https://rb.gy/ihgdec>>. Acesso em 8 de abril de 2020.

COMES, Ana Margarida Magalhães et al. **Mutilação genital feminino: uma prática antiga, um problema atual.** Rev Port Med Geral Fam 2018.pg.420-4. Disponível em: <<https://bit.ly/3vn2r2U>>. Acesso, 20 de maio de 2020.

NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes et al. **Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares.** Rio de Janeiro: Rev Bras Enferm, 2017.

OLEGÁRIO, Letícia Zimmer. **A Mutilação genital feminina no continente Africano sob a perspectiva feminina.** Revista Ártemis, Vol.XXIII nº1; jan-jun, 2017.pp.138-148.ISSN: 18078214. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kCkdHvAgdigJ:https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/download/35793/18183/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

PALHARES, Dario; SQUINCA, Flávio. **Os desafios éticos da mutilação genital feminina e da circuncisão masculina.** Rev.bioét. (Impr.). Brasília/DF,Brasil.2013.pg.432-7. Disponível em: <<https://bit.ly/3xnJjn4>>. Acesso em 06 de maio de 2020.

PRODANOV, C. C. et al. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**, 2.ed. Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3xsQ07u>> . Acesso em 25 de julho de 2020.

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. Boletim oficial número 27. Segundo suplemento quarta feira, 06 de julho 2011.pg.0115. Disponível em: <<https://www.ilo.org/dyn/natlex/docs/ELECTRONIC/95018/111703/F216767232/GNB95018.pdf>>. Acesso em 18 de setembro de 2020.

UNFPA, **Contra Minha Vontade**. Disponível em: <<https://bit.ly/2S763Yo>>. Acesso em 30 de maio de 2020.

UNICEF. **Prevalence of female genital mutilation**. Disponível em: <<https://bit.ly/3sTFoLe>>. Acesso em 26 de maio de 2020.

CÁ, Capcine Casimiro. **Casamento precoce na Guiné-Bissau**: o caso da etnia fula na cidade de Gabu. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 52 f, Redenção-CE, 2018.

CAOMIQUE, Policarpo Gomes. **O debate sobre a condição da mulher na África Subsaariana**: alguns aportes teóricos. Artigo do curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 21 f, Acarape, 2020.

CASSAMÁ, Mariama. **A prática da mutilação genital feminina na Guiné-Bissau**: O Caso da Etnia Mandinga de Farim (Oio). Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 36 f, Redenção, 2018.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 34, p. 428-431, 2007.

DANFA, Salifo. **Excisão feminina na etnia mandinga da Guiné-Bissau**: tradição étnica ou obrigação da religião muçulmana? Trabalho de Conclusão de Curso do curso do Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, 36 f, São Francisco do Conde - Bahia, 2017.

DJALO, Abibatu. **Rito de iniciação feminina**: a percepção das estudantes guineenses da UNILAB, sobre o fanado em especial das etnias, Fula, Mandinga, Susu. Monografia do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 42 f, Redenção, 2017.

FEITOSA, Dayllanna Stefanny Lopes Lima. **Aprendizagem sobre saúde sexual e reprodutiva e uso do preservativo masculino com universitárias guineenses**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 74 f, Redenção, 2020.

FERNANDES, Elísio Júlio. **A Mutilação Genital Feminina-MGF na Guiné-Bissau como uma prática que viola os direitos humanos**. Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 52 f, Redenção, 2016.

FERREIRA, Izelia da Silva Vaz. **A prática da mutilação genital feminina na Guiné-Bissau**: tradição cultural ou violação dos direitos humanos? Trabalho de Conclusão de curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 30 f, Acarape, 2019.

GOMES, Natchidjubutche. **Direitos humanos na Guiné-Bissau**: uma análise sobre a liga guineense dos direitos humanos (Igdh, 2006-2021). Trabalho de Conclusão de Curso de

Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 53 f, Redenção, 2021.

INDAFÁ, Rugana. **O debate em torno da universalidade dos direitos humanos e a tradição do corte genital feminina na Guiné-Bissau.** Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 36 f, Redenção, 2018.

MALÚ, Euclides André Musdna. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau:** análise das discrepâncias entre o tradicional e o moderno. Trabalho de Conclusão de curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 35 f, Redenção- CE, 2018.

MONTEIRO, Nadesda Augusto. **Fánado de Mindjeris ou Mutilação Genital Feminina na Guiné-Bissau:** um olhar das mulheres na sociedade atual. Trabalho de Conclusão de curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 16 f, São Francisco do Conde - Bahia, 2018.

PEREIRA, Samuel Soares Mendes. **Validação de conteúdo de protocolo assistencial de enfermagem para atenção primária à saúde da pessoa com mutilação genital feminina.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 87 f, Redenção, 2019.

TÉ, Mário. **Cultura e proteção de direitos humanos em África:** o caso da Guiné-Bissau Monografia de Graduação em Administração Pública da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 89 f, Redenção, 2021.

VAZ, Andresa. **Papel das mulheres no enfrentamento à violência doméstica na Guiné-Bissau.** Trabalho de conclusão de curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 25 f, Redenção, 2018.

WASSE, Hercinia Chena Azarias. **O papel dos ensinamentos adquiridos nos ritos de iniciação feminina:** um estudo de caso sobre a iniciação feminina (Emwali) entre os Macuas, em Nampula, norte de Moçambique. Trabalho de Conclusão de curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. 20 f, Redenção, 2017.